

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 239 — Domingo, 5 de Janeiro de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12
Depositiário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMÍNGUES

AVENÇA

De vez em quando... UMA LUZ QUE SE ACENDE

De todas as freguesias do meu desconhecido concelho a mais ignorada é, sem dúvida, a de Vaqueiros. Estende-se pelas dobras da serra e tem povoados tão recônditos que os moradores só vêm o sol quando lhes fica a prumo.

Labutar por aquelas terras é trabalho de titãs que houvessem sido castigados pela ousadia de quererem escalar o céu.

Conheço muito pouco a freguesia; só fui duas vezes a Vaqueiros, a sede, e outras duas vezes a Pão Duro ambas nas abas daquela região. Em nenhuma delas fui à caça; — de espécies a tiro de espingarda, de paguilhas ou de votos; com raras excepções os motivos que guiam os estranhos que por lá aparecem.

Mas tenho ouvido falar do que é o viver daquela pobre gente, tão terra-a-terra, tão primitivo, que alguém me contou que tendo por lá passado depois da última grande guerra, eles a ignoravam.

Quando em Alcoutim se começaram a dar os primeiros passos para a adaptação de umas dependências da Misericórdia a hospital foi lá internado, talvez o primeiro, um homem daquela freguesia. Puseram-lhe à cabeça um candeiro de petróleo e na primeira noite que lá ficou, depois de inutilmente ter gasto uma caixa de fósforos para o acender, desceu à rua para pedir ao primeiro que passasse o favor de lho ir acender. E' que o desgraçado nunca tendo visto um candeiro, e talvez poucas vezes um fósforo, acendia-os e punha-os sobre a boca da chaminé sem que, é de ver, conseguisse o que pretendia.

Conto isto para os amesquinhar? Não; conto para os lamentar. A ignorância merece piedade, carinho, respeito e deve acender decidida vontade para a destruir.

Eles bem sabem como eu os estimava.

Ainda não vão passados muito...

Prof. TRINDADE E LIMA

tos anos encontrei um, pelas fêrias, na vila, e ele disse-me espontaneamente: «Quando o senhor aqui estava vínhamos mais afoitos. Sabíamos que tínhamos cá um amigo.» Guardo na memória estas palavras como um tributo de reconhecimento dos que me são mais sensíveis.

Reconheci-os sempre probos, trabalhadores e humildes. E é a humildade e não o orgulho o que eu mais aprecio.

Por isso me alegrou e satisfizes a notícia que li da próxima inauguração de um edifício es-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

POEMA DO NOVO DIA

Por J. Santos Stockler

Primeiro de Janeiro...
O dia de hoje rompeu claro,
muito claro,
mais claro que o dia de ontem
— acende alvos clarões
para além da tarde caída...

Como a luz do próprio sol,
a luz do dia avança,
cresce em claridade,
espelhando-se nas ondas do mar,
calma e esperançosa
como o perfume duma rosa!

E quanto mais o dia avança,
mais avança e cresce
a infinita claridade do dia,
pondo rios de esperanças
nos olhos das crianças!

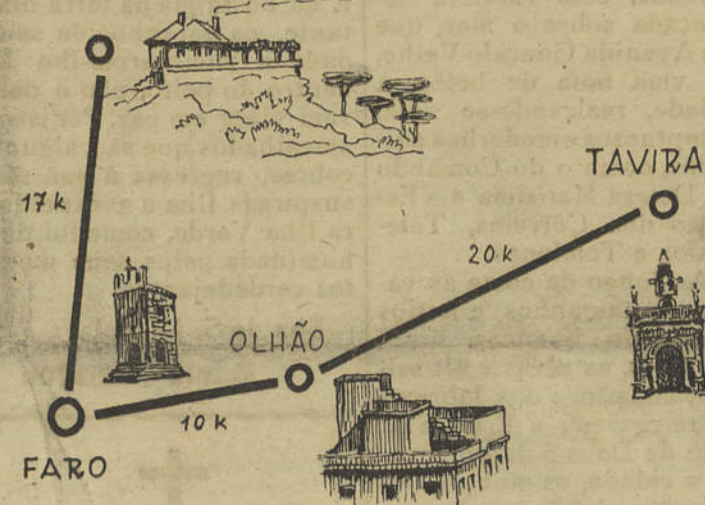
É tão infinda a alacridade do dia,
que a sua luz aponta aos homens
esquecidos da tarde caída,
um caminho para além das en-

[Cruzilhadas:

— É a luz dum novo dia
a projectar alvo clarão
nos caminhos do futuro!

Janeiro de 1958

S. BRÁS DE ALPORTEL



UM ITINERÁRIO TURÍSTICO... REDUZIDO

No último número do «Jornal de Turismo», excelente publicação que defende o turismo português, apareceu um artigo intitulado «Itinerários Turísticos em Portugal», onde o articulista pretendeu dar a conhecer, numa série de interessantes itine-

rários, os mais lindos passeios turísticos do nosso País.

Assim, abrindo a série, aparece-nos em primeiro lugar o Algarve, representado por um passeio de S. Brás de Alportel a Tavira, o que, todos estamos de acordo, é um ótimo passeio não só pelas suas paisagens como condições turísticas.

Reproduzimos o desenho onde se marca a quilometragem e a ideia do percurso a executar, e a seguir transcrevemos o artigo citado:

S. BRÁS DE ALPORTEL — Elevada à categoria de vila, era até há poucos anos a aldeia mais populosa do País. Fica situada numa das mais aprazíveis e pitorescas regiões algarvias. O seu concelho é grande produtor hortícola.

Tem muito interesse, para o visitante, o aspecto arquitectónico das casas com açoteias.

Alojamento: Pousada de S. Brás de Alportel, perto da vila, no cimo dum cerro donde se avista um formoso panorama, tipicamente algarvio. É uma das melhores pousadas do País, famosa pela boa recepção dos seus concessionários.

Artesanato: artigos de palma, capachos, etc.

Especialidade regional: frutas secas.

FARO — Capital do Algarve (a Província tem um único distrito), Faro tem uma paisagem calma e pitoresca. Foi tomada aos mouros em 1249, por D. Afonso III, após longo assédio. Em 1540 foi elevada a cidade por D. João III.

A maior beleza da cidade reside numa alameda à beira do porto e no sabor marítimo da velha doca. De Santo António do Alto, nova urbanística da cidade, avis-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Penetração social do conceito «biblioteca» — (2)

DESEQUILÍBRIO ENTRE A RÁPIDA EVOLUÇÃO DO CONCEITO "BIBLIOTECA" E A SUA PENETRAÇÃO SOCIAL

(Conclusão do número anterior)

TEM-SE pensado muito pouco — inclusive nos sectores profissionais — no desequilíbrio existente entre a rápida evolução

actual do conceito «biblioteca» e a sua lenta penetração social. A biblioteca evoluiu, especialmente nos últimos anos, com uma rapidez inesperada; em contrapartida, a penetração social deste concei-

to tem tido um ritmo muito mais lento. Vamos, pois, expor em breves palavras algumas das causas que motivaram tal desequilíbrio.

A causa principal é o facto do povo ainda não ter compreendido, pelo menos de maneira suficiente, a necessidade e utilidade da biblioteca. «De momento — diz Thomsen—Sydney—Tompkins—, a verdade é que, desgraçadamente, há muito poucos países no mundo onde se compreendam plenamente as possibilidades que oferece uma biblioteca pública». Nelson adverte, pela sua parte, que «a biblioteca pública é um dos poderosos pilares, normalmente invisíveis para o observador superficial. A sua influência no desenvolvimento moral e material do povo não pode ainda ser exactamente apreciada».

Porém, de onde vem esta ignorância, esta incompreensão popular? Frequentemente de boa parte do público desconhecer que o serviço de leitura e domiciliário de livros são gratuitos. Por outro lado, não estando ainda o público bastante educado no amor à leitura, carece, com frequência, do hábito de recorrer à biblioteca para satisfazer curiosidades, resolver problemas, aclarar dúvidas ou simplesmente distrair-se.

Outra causa essencial do desequilíbrio entre o que hoje é a biblioteca e o conceito que se tem da sua necessidade e utilidade, é o seu carácter de instituição cultural, facto de meios coercivos para obrigar o público a frequentá-la. Assinalaremos, como contraste, que no século passado as autoridades estabeleceram, com carácter obrigatório, o ensino primário, ditando leis para que todos aprendessem a ler e escrever. Políticos, oradores, pedagogos, escritores, batalharam desde então para erguer escolas e acabar com o analfabetismo. Todavia não se

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

maior parte do público, numa época de lugares comuns e de conceitos simples de almanaque, Shakespeare era apenas o atormentado e sombrio autor de tragédias como o «Hamlet», a «Lady Macbeth» ou o «Oteló»; a risonha contextura desta «Noite de Reis», velha de três séculos mas mais habilmente urdida e mais espiritualmente contada do que a maioria das comédias modernas, foi uma autêntica e agradável revelação.

Também para a maior parte do público, numa época em que se tornou vício desdenhar das iniciativas patrocinadas pelo Estado (embora quase se exija que o Estado patrocine todas as iniciativas), o Teatro Nacional Popular não era mais do que aquele modesto agrupamento de boas vontades, criado pelo SNI e que durante quase duas dezenas de anos percorreu de lés a lés, no verão, as terras da Província, a todas levando uma generosa e bela mensagem de Arte, que só Lisboa desconhecia, que só Lisboa julgava poder dispensar...

Na verdade, a Companhia que

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A SINALIZAÇÃO DA BARRA DO GUADIANA

CARECE da ATENÇÃO das ENTIDADES COMPETENTES

A BARRA do rio Guadiana, apesar da sua calmaria habitual, torna-se, em dias tempestuosos, uma das barras mais difíceis do Algarve, devido aos imensos bancos de areia que a povoam e que dificultam a navegação, quando não é devidamente conduzida por entre as boias sinalizadoras, que balizam a barra, para acesso ao porto de Vila Real

de Santo António, um dos de maior movimento do país.

Por vezes, devido aos temporais que de anos a anos assolam o litoral algarvio, algumas bolas da nossa barra, são arrastadas pelas correntes, desviando-se dos seus primitivos locais, com o consequente perigo de induzir em erro a navegação, principalmente a de

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

CARTA DE LISBOA

O Teatro do Povo desceu à Cidade

O VELHO e agora renovado Teatro da Trindade é das raras salas de espectáculos que ainda obrigam o lisboeta — e, sobre tudo a lisboeta — a vestir-se «para ir ao Teatro», coisa que se não faz, evidentemente, para ir a certas barracões revisteiros ou a certas salas de cinematográfico estilo, onde só por acaso ressoam, ainda, as três pancadas de Molière. Bom foi, portanto, ter si-

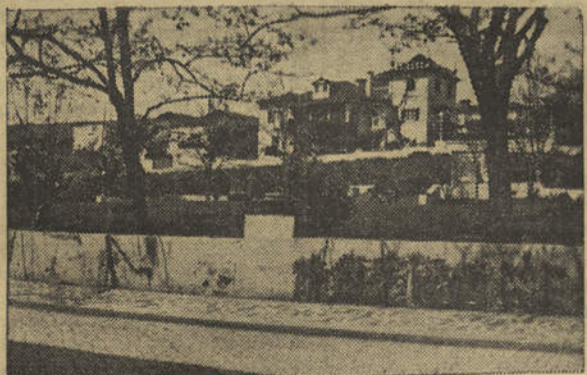
POR
ANTÓNIO MARIA ZORRO

do o palco do Trindade escolhido para apresentação do chamado «Teatro Nacional Popular», com a sua peça de estreia, «Noite de Reis», que é hoje, a vários títulos, um dos grandes acontecimentos culturais de Lisboa.

A vários títulos... — Para a

S. MIGUEL

A meu irmão Manuel Álvaro M. Carreiro, aluno Miguelano em Tavira



NUNCA viajei, nunca passei além dos, quicá, 1.800 metros do Molhe Salazar.

Viagens marítimas, recreativas, tenho realizado, apenas, em minúsculos barcos, a remos ou à vela, em tardes estivais nas águas que banham aqui, a cidade, ou nas encantadoras e aprazíveis lagoas.

Então, apetece-me fazer uma concha com ambas as

mãos, enche-las de água e levá-las aos lábios, apesar do seu amargo sabor.

Não posso, portanto, calcular a sensação que sentiria, a impressão que me causaria, se avistasse de longe, debruçada no convés dum navio, a Ilha de S. Miguel.

No entanto, do longo dessa doca onde acostam navios de quase toda a na-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

CHAVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

DEVASSIDÃO

Somos feitos de um barro moral tão mal amassado que, quase sempre, de mistura com as mais altas aspirações, seguem apetites inconfessáveis. É o caso do amor que frequentemente degenera em paixão física, querendo prazeres cada vez maiores, e sempre variados.

Ai de nós quando a devassidão de nós se apodera! diminui-nos e envilece-nos, sob todos os aspectos: faz-nos do corpo um trapo, e da alma um zero. Corpo devasso vai-se abaixo das pernas com um coice de pardal: perde as energias, a esbelteza, o apuro, a visibilidade ou a feminilidade (conforme), e quanto mais devasso for menos senhor será de si. A devassidão traz, por sua vez, à alma, o embotamento para os prazeres superiores, faz do carácter uma ruína, e da consciência bússola sem norte.

SOLIDARIEDADE

Há uma lei da gravitação universal, segundo a qual os astros formam um todo solidário. Há também uma lei da gravitação universal no mundo das idéias e dos actos humanos, segundo a

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

OS "JOGRAIS DE S. PAULO"

EM FARO

SABEMOS, de fonte segura, que este apreciado agrupamento artístico da «cidade que mais cresce no mundo» deverá apresentar-se na capital da nossa província.

O nosso informador não tem a garantia do dia exacto em que os «Jograis» se exhibirão em Faro. Entretanto, pode afirmar-se que deverá ser nos primeiros dias da segunda metade do corrente mês, possivelmente em 16.

Integram este agrupamento os artistas bandeirantes: poeta Ruy Affonso, director, Armando Bógus, Maurício Barroso e Rubens de

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ACTIVIDADES GOVERNATIVAS

BALANÇO DO ANO

INICIA-SE agora um Novo Ano e com ele dobra-se em perspectiva uma longa série de realizações a concluir. É precisamente neste ano que termina a execução do primeiro Plano de Fomento Nacional e se vai conhecer o programa do novo Plano a iniciar em 1959. A opi-

POR
CARLOS RATES

nião pública consciente, está ansiosa por conhecer as particularidades deste novo Plano. Sabe-se já que importantes verbas serão destinadas à construção de novas barragens para aproveitamento de força motriz e que particularmente no Alentejo, serão delineadas grandes obras de rega para terras de sequeiro. Ante-

cipando-se ao Plano de Fomento 1959-65 foram iniciadas as construções de duas novas barragens no Douro Internacional.

Quanto às indústrias-base, estão projectadas duas novas fábricas de adubos azotados de modo a dispensarem quaisquer subsídios de importação de produtos similares estrangeiros para abastecimento da lavoura nacional. No

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

QUADRA

A TRISTEZA MATA A GENTE
MAS MATA TÃO DEVAGAR
QUE A GENTE NEM SEQUEER SENTE
QUANDO ELA NOS QUER MATAR

D. R.

7-6 JAN. 1958

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa esteve nesta vila com pouca demora, o nosso estimado amigo sr. dr. José Isidro Rocheta, distinto clínico na capital.

Vindo de Lisboa, esteve nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. Eng. Jorge Manuel Medeiros.

De visita a seus pais encontra-se nesta vila, o sr. Augusto J. de Melo Correia, cadete da Escola do Exército.

Retirou para Lisboa, onde foi continuar os estudos, o nosso prezado amigo e assinante na capital, sr. Alexandrino Casimiro Miguel.

Encontra-se em Lisboa, o nosso prezado assinante sr. Manuel Pereira Afonso, residente no Azinhal.

Encontra-se em Madrid, o nosso estimado comprovinciano sr. dr. Humberto José Pacheco, residente em Lisboa.

Encontra-se durante alguns dias em Tânger, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante sr. dr. Julio de Almeida Carrapato, distinto advogado.

Encontra-se nesta vila de visita a pessoas amigas, a menina Neusa Amado, filha do nosso prezado assinante em Moçambique sr. Epiácio Guerreiro Amado.

Segue no Paquete «Império» no dia 18 do corrente para Moçambique, o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Amagnini Clemente Nenê.

Acompanhado de sua esposa e filhos seguiu para Lisboa, o nosso estimado amigo e assinante sr. Hugo Celorico Drago.

Igualmente acompanhado de sua esposa seguiu para Lisboa o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Jorge Lopes Bonança.

Seguiram para Braga onde vão continuar os seus estudos os nossos prezados assinantes srs. Vitor Teixeira Marques, Desidério Rodrigues Rosa e António Rodrigues Rosa.

Casamentos

Na Igreja paroquial desta vila, realizou-se no passado dia 23 de dezembro o casamento da sr.^a D. Maria Ofélia de Jesus Silva filha da sr.^a D. Teresa de Jesus da Silva e do sr. Francisco da Silva, com o nosso prezado amigo sr. Manuel Monchique Ribeiro Alves, filho da sr.^a D. Ana Correia Ribeiro Alves e do sr. Manuel Francisco Ribeiro Alves.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. Luís Gavino Ribeiro Alves e a sr.^a D. Maria Rosa Lopes Rodrigues, e por parte do noivo o sr. Francisco da Silva e a sr.^a D. Maria Gabriela Correia.

Em Castro Marim, na Igreja de S. Bartolomeu, realizou-se no passado dia 28 de dezembro, o casamento da sr.^a D. Maria Ana Esteves, filha da sr.^a D. Custódia da Conceição Bartolomeu e do sr. Manuel Costa Esteves, com o nosso estimado amigo sr. António Rodrigues Esteves, Delegado Escolar em Castro Marim, filho da sr.^a D. Rita Rodrigues Merca e do sr. Amandio Esteves.

Apadrinharam o acto por parte da noiva seus tios e por parte do noivo o sr. José Machado Jor, e sua filha sr.^a D. Irene Machado.

No passado Domingo, dia 29 de dezembro, realizou-se na Igreja de S. Pedro, em Faro, o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Matos Junça Miguel, filha do nosso estimado amigo sr. tenente João Miguel, comandante da secção da G. Fiscal nesta vila, e da sr.^a D. Mariana de Matos Junça, lá falecida, com o sr. Eurico dos Reis Barros, funcionário da Agência do B. N. Ultramarino em Beja, filho da sr.^a D. Maria dos Reis Barros e do sr. José Ricardo Barros já falecido.

Aos novos casais o «Notícias do Algarve» deseja as maiores felicidades.

Doente

Na ambulância dos Bombeiros Voluntários desta vila, no passado dia 3, seguiu para o Hospital de Faro, a esposa do nosso prezado assinante e amigo sr. Humberto dos Santos Estrela.

QUEM PERDEU?

No posto da P. S. P. desta vila, encontra-se depositada uma certa quantia em dinheiro e uma caneta de tinta permanente, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

S. MIGUEL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cionalidade e aonde frequentemente vou dizer «adeus» a quem parte e dar as «boas-vindas» a quem chega, avisto parte desta Ilha do Arcaño e acho-a, como é natural, encantadora.

Serpenteando as águas serenas, essa varanda debruçada sobre o mar, que é a Avenida Gonçalo Velho, dá vma nota de beleza à cidade, realçando-se nela, sumptuosos e modernos edifícios, como o do Comando da Defesa Marítima e a Estação dos Correios, Telefógrafos e Telefones.

Ao longo da costa as casas de tamanhos e feitios diversos, brancas, rosas ou azuis, as alvas e altíssimas chaminés das fábricas a fumegarem, a Ermida da Mãe de Deus a dominar toda a cidade, os montes verdejantes donde se descortina um ou dois moinhos de vento, tão característicos, mas já tão esquecidos, ora beijados pelo Sol acariciador, ora encobertos por nuvens brancas: as frondosas e compactas árvores no alto dos outeiros, onde nas suas encostas pasceiam pachorrentos animais; todo este conjunto harmonioso que eu avisto do alto do farol que limita essa doca, compõe uma aguarela viva de rara e inegalável beleza, um esplendoroso quadro onde a policromia das cores naturais, mostram aos nossos olhos de pobres mortais, o poder criador de Deus.

E julgo que esta sensação sentirá todo e qualquer turista que aqui venha descansar e gozar umas merecidas férias.

E por toda esta Ilha, a maior do arquipélago açoreano, com 746 Km² e 170.000 habitantes, tão notável pela sua exuberante vegetação, pelas famosas belezas naturais e pela variedades hidrológica do seu solo, especialmente do Va-

le das Furnas, encontrará o turista, um povo honesto, laborioso, crente, acolhedor e amigo ferrenho da sua terra.

Mesmo que emigre, a lembrança da terra natal e a da família, estão-lhe sempre vivas na memória. E na nostalgia da terra distante, os espinhos da saudade a ruminarem-lhe lá dentro do peito, não o deixam viver em paz. Por isso, amealhados que são, alguns cobres, regressa à sua tão suspirada Ilha a encantadora Ilha Verde, como foi denominada pelos seus montes verdejantes.

Ilha de S. Miguel

María Leonilde



Agradecimento

Ana da Encarnação Alves

Por desconhecimento de moradas, a família de Ana da Encarnação Alves, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar, e que acompanharam a sua saudosa extinta à sua última morada.



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINEO & C.ª

Vila Nova de Gaia

ESCUTISMO

Os escuteiros e dirigentes do Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, da Associação dos Escuteiros de Portugal, efectuaram em 31 de Dezembro a tradicional festa de passagem de ano.

A Patrulha «Poupa», vencedora do concurso «Centenário de Baden Powell», que findava naquela data, foi entregue um artístico galhardete bordado, tendo o chefe do Grupo feito um resumo da actividade desenvolvida em 1957 e anunciado as bases do concurso que ia seguir-se, em que, de novo, o trabalho teórico se aliaria ao prático. Concluiu, informando que o principal prémio do novo concurso seria um interessante troféu, adquirido pelo escuteiro Manuel Gomes Godinho em Inglaterra, no «Jamboree» do Jubileu do Escutismo, e oferecido ao Grupo.

Efectuou-se a seguir a cerimónia do Compromisso de Honra dos aspirantes Alexandre Fernandes Azul e José Augusto da Silva Nascimento, que ingressaram na Patrulha «Poupa» e António Carlos Ramires da Cruz e Manuel Joaquim Neto Gomes, que ingressaram na «Águia».

A festa terminou com um chá servido aos presentes, sendo a entrada no novo ano por todos saudada com alegria.

MADRINHAS DE GUERRA

De dois militares em serviço na nossa província de Macau, recebemos uma carta onde nos solicitam o favor de comunicarmos às raparigas algarvias que desejem tornar-se «madrinhas de guerra», para escreverem para as seguintes direcções:

José Lourenço Carapinha, soldado n.º 1.860 e António Carlos Manique, soldado n.º 1.813, ambos do Esquadrão de Cavalaria Motorizada.

FALECIMENTO

No passado dia 1 do corrente faleceu em Castro Marim a sr.^a D. Herminia Amélia Nogueira da Silva, solteira de 82 anos de idade e natural da mesma vila.

A extinta era irmã do sr. Manuel Nogueira da Silva e tia da sr.^a D. Emilia Nogueira Pinto Vaz Palma e do sr. dr. Joaquim Vaz Palma.

A família enlutada, em especial ao nosso prezado assinante sr. Dr. Joaquim Vaz Palma, o «Notícias do Algarve» apresenta as suas condolências.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

O ZÉ!...

O ZÉ!... Em Vila Real de Santo António toda a gente conhece o Zé. Contrariamente ao que possa supôr-se, não se trata de qualquer dessas maravilhas que, de modo geral, sempre topamos em todas as cidades, vilas ou aldeias: um ser estropeado ou demente que no auge da sua inconsciência tanto nos pode pedir «dez tostões para o combóio» como dizer que «anda neste mundo para fazer luz». Não! O Zé não está nesse número. É um ser normal, na acepção que este termo pode ter em relação ao aspecto físico.

O Zé é apenas um ser estranho e diferente da maioria dos mortais por se tratar de uma pessoa que nasceu, provavelmente, com erro no sexo: é feminina, quando tudo parece indicar que deveria ser masculina.

Surgiu na vida por efeitos de uma dessas ligações de acaso, erradas e infelizes, entre dois seres que se encontram, não se amam, mas geram filhos.

Pois o Zé, essa garota desleigante no trajaz, nos modos, nas falas e nos vícios, talvez por uma estranha e quicá inexplicável manifestação de revolta pelas condições irregulares do seu aparecimento neste vale de lágrimas, muito cedo mostrou a sua repugnância pelo sexo que a natureza lhe atribuiu: — em vez das bonecas, trapinhos e rendas que, como seria natural, deveria preferir para os seus brinquedos, primava por jogar à bola com os rapazes e escolher estes para companheiros nas suas traquinices. Quando alguém lhe observava não serem esses hábitos os próprios para a sua condição de rapariga, logo ela — o Zé — exclamava muito senhora si, naquele sotaque caracteristicamente vilarrealense: *pois eu sou alguma rapariga? Um moço é que eu sou!*

E tão fortemente se arreigou no seu espírito a convicção de que é «moço» e não «moça» que todos os seus hábitos — desde o fumar o cigarrinho até à rapinagem de peixe nas lotas — são puramente masculinizados. E ninguém lhe diga o contrário! Se até repudiou o nome feminino recebido na pia baptismal, trocando-o pelo de Zé!... Zé, e nada mais...

A sua obsessão de que realmente pertence ao sexo masculino e não ao feminino é tão acentuadamente predominante que uma vez uma senhora caridosa, condoída pela sorte do seu destino incerto e infeliz, pretendeu levá-la para sua casa, insinuando-lhe que lhe daria uma vida melhor, mais própria e mais digna, e ensinar-lhe-ia a cuidar dos arranjos domésticos adequados à sua condição de rapariga, tais como lavar a loiça, limpar o pó dos móveis, esfregar os soalhos, etc.

Pois recebeu, nada mais nada menos, que esta resposta pemptória, decisiva e bastante significativa para o fracasso dos seus bons propósitos cristãos:

«...o quê? lavar a loiça? limpar o pó?... para depois os moços me chamarem maricas. Não, senhora, não vou!».

E' assim o Zé. Um rapaz que talvez por um erro da natureza nasceu com o sexo trocado...

REVISTA «MUNDO»

Acaba de aparecer o primeiro número deste ano, com um magnífico sumário e uma esplêndida apresentação gráfica, como já é tradicional na Revista «Mundo».

O sumário do n.º 25, apresenta:

O *Album Ilustrado de 1957*; Balanço de um ano de vida e ainda o *Julgamento do Ano*, realizado especialmente para esta Revista por um Tribunal assim constituído:

Presidente, Coronel dr. Raúl de Carvalho; Delegado, dr. Velasco Martins; Acusação, dr. José Galhardo; Defesa, dr.^a Glória de Vasconcelos; Testemunhas; Prof. Varela Cid, pela Ciência; dr. José Maria Cardoso, pela Saúde; Actor Rogério Paulo, pelo Teatro; Zé Lisboaeta (descendente do Zé Povinho), pelo Povo.

O maior acontecimento jornalístico de todo o ano.

Não deixe de assinar esta esplêndida revista; que está conquistando dia a dia legiões de leitores.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 28 de Dezembro a 3 de Janeiro:

TRAINEIRAS	
Levante	3.900\$00
Liberta	3.040\$00
Brisa	2.900\$00
Rajada	1.845\$00
Total	11.685\$00
CERCO	
Vulcão	991\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 28 de Dezembro a 3 de Janeiro:

Entrados:

ZE' MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
CARAMULO, Português, de 340 ton., de Safi, com gesso.
MARIA CHRISTINA e MIRA TERRA, Portugueses, de Lisboa vazios.
RIMBERG, Alemão, de 1212 ton., de Leixões, vazio.
PENTHIE'VRE II, Francês, de 2654 ton., de Nantes, com folha de flandres.
Saídos:
MARIA CHRISTINA e MIRA TERRA, com minério, para Lisboa.
CARAMULO, vazio, para Aiamonte.
PENTHIE'VRE II, com carga em trânsito, para Algar.
ZE' MANEL, com minério e enxofre, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente, de 4 a 10 de Janeiro a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal — Telefone, 31.

CINE-FOZ

Hoje, um filme magnificamente interpretado por dois garotos «AMIGOS PARA A VIDA». Um filme humano, delicioso e divertido.

Segunda-feira, Dia de Reis, «O ÚLTIMO AMANTE» com Amadeo Nazzari e May Britt.

Quinta-feira, em Cinemascope «A ÚLTIMA CARAVANA» com Richard Widmark.

CHAVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)
qual todas as idéias e todos os actos se interinfluenciam, por serem partes integrantes de um sistema solidário. Ninguém diga, pois: as idéias que exponho e as atitudes que tomo não transcendem o perímetro da minha pessoa, ou os horizontes do meu campanário. Não. Em a natureza nada se perde — tudo tem ressonância, próxima ou remota, benéfica ou maléfica, grande ou pequena. Sob certo aspecto, cada um de nós é centro do mundo, por ser lícito admitir que tudo pode partir de nós, e tudo a nós pode vir ter.

EDUCAÇÃO PROSPECTIVA

A educação que damos às gerações de agora visa fazer que elas vivam melhor do que as gerações passadas, e, outrossim, que elas criem, para as vindouras, um futuro melhor do que o presente, e sempre assim, de tal modo que o dia de hoje sobreleve o de ontem, e o de amanhã o de hoje.

EGOÍSTA

O egoísta é como as lanternas de chavelho — que só alumiam para dentro. Ele, e só ele. Mais ninguém. E' ele o tal sujeito que, como diz o Inglês, seria capaz de deitar fogo ao prédio do vizinho, para fritar o seu ovo.

MÓVEIS

Janel

ORGANIZAÇÃO MODELO PARA A DECORAÇÃO DO LAR

GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS SEUS VASTOS SALÕES DA

Rua Rodrigues Sampaio, 76-A LISBOA TELEF. 51695

BARCO

Vende-se uma embarcação com 10,70 comp. Boca 3,25, Pontal 1,14 - com apetrechos de pesca do alto, servindo também para enviada, equipada com motor Bolinder's 50 HP: com 2 anos de serviço e aparelho de rádio.

Informa: **José de Oliveira Rocha**
Rua da Boa Vista — **FUZETA**

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

VIDA DESPORTIVA



Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul)

Juventude, 1 - Olhanense, 0
De antemão se sabia que este jogo não seria disputado com grande requintes técnicos. As duas equipas, uma com o pensamento em assegurar o terceiro lugar — caso do Juventude — e outra procurando distanciar-se ainda mais dos seus «perseguidores» e confirmar assim a sua posição de segundo — caso do Olhanense — as duas equipas — dizíamos — não podiam, evidentemente, disputar o encontro com a ideia de jogar bem, mas sim jogar para o resultado.

E foi isso que se verificou. Mas, apesar dessa previsão, a verdade é que se esperava mais do segundo e do terceiro da tabela da classificação. Isto porque se jogou realmente muito pouco, do ponto de vista técnico. A bola era tratada aos repelões e a ideia que o jogo nos dava era que a única coisa necessária era manter o esférico longe das balizas, não fosse algum «atrevido» chutar de forma a fazê-lo passar por entre os postes...

Duma maneira geral, os visitantes mostraram-se menos maus, por mais rápidos sobre a bola e melhor executantes. Mas isso foi insuficiente para contrabalançar o entusiasmo e a genica dos juvenitudistas. E quando, passada meia hora, os forasteiros começaram a dar nota de pouco apurada preparação física e os eborenses se capacitaram de que o jogo seria seu, o despique activou-se, estabelecendo-se simultaneamente maior equilíbrio.

Farense, 3 — Serpa, 2

As dificuldades do «leader» previstas para a partida do passado domingo contra os alentejanos, dada a não inclusão de alguns titulares, não se concretizaram totalmente, mas existiram.

Estas poderiam não ter vindo ao de cima se actuasse o conjunto alvi-negro como no primeiro quarto de hora e no final do primeiro tempo, em que numa toada rápida e precisa desenharam no terreno boas jogadas e abrir facilmente a defesa visitante.

E' bem verdade que as ocasiões de golo e a insistência por parte dos algarvios persistiu ao longo de todo o encontro, mas faltaram as jogadas limpas do começo, que deram lugar ao «engarramento» do jogo, realçado nos pés de Realito, sendo por vezes os médios obrigados a ajudar na defesa. Neste lugar teve preponderância o papel desempenhado por Francellino demonstrando perfeita forma.

Os rapazes do Serpa não demonstraram superior classe, mas agradaram no conjunto, jogando e deixando jogar. Faltou-lhes, no entanto, apego pela balisa e em alguns períodos de jogo impressão de apatia, parecendo que de antemão se davam por vencidos.

Portalegrense, 3 - Portimonense, 1

O resultado do encontro corresponde à boa actuação da equipa local. Mas o desfecho deveria ser mais volumoso, pelo bom futebol praticado pelos portalegrenses e a castigar a toada da equipa visitante que, de qualquer maneira, tentava ganhar os lances mercê de excessiva dureza que, poucas vezes, foi reprimida pelo árbitro.

O Portalegrense desde o início tomou o comando das operações delineando jogadas de bom perfil que só não via concretizadas por falta de sorte. Assinalem-se alguns contra-ataques, sem perigo de maior, feitos pelo Portimonense cujo sector avançado era pouco eficiente, actuando exclusivamente à base de passes largos que a defesa local destruiu com relativa facilidade. No seu conjunto a equipa portalegrense mostrou-se enérgica, com toque de bola, decisão na grande area, salientando-se Rosa, Robalo, Brito, e os jovens Eduardo e Ribeiro, que foram os melhores homens em campo.

Outros resultados

Beja, 1 — Coruchense, 1
Atlético, 0 — Montijo, 1
Montemor, 2 — Almada, 2
Estoril, 1 — Arroios, 3

Classificação

FARENSE	27 pontos
Olhanense	23 »
Juventude	22 »
F. C. Serpa	20 »
Portimonense	20 »
Montijo	20 »
Atlético	18 »
Desportivo de Beja	18 »
Arroios	18 »
Coruchense	15 »
Estoril	11 »
Portalegrense	10 »
Almada	10 »
Montemor	7 »

Jogos para hoje

Montijo - Coruchense
Olhanense - Atlético
Almada - Juventude
Serpa - Montemor
Portimonense - Farense
Arroios - Portalegrense
Estoril - Beja

Campeonato Regional do Algarve

LUSITANO, 1 — LOULETANO, 1

Realizou-se, no passado domingo, no Campo «Francisco Gomes Socorro», perante regular assistência, o encontro entre o Lusitano e o Louletano, a contar para o Torneio de Apuramento do Campeonato Nacional da III Divisão, em que o Lusitano consentiu um empate frente à aguerrida equipa visitante.

Os visitantes, com uma defesa valente, decidida, a marcar de perto, puderam opor-se, com êxito absoluto, aos ataques frequentes mas mal esquematizados dos lusitanistas.

Ao intervalo já os grupos estavam empatados a uma bola, tendo o golo do Lusitano sido apontado por Padesca, na conversão de um livre fora da grande área.

No Louletano actuaram em grande plano, o defensor central Tavares e o seu guarda redes. Nos locais, todos cumpriram.

O Lusitano, mesmo com este empate consentido no seu próprio campo, foi o vencedor deste Torneio,

A SINALIZAÇÃO DA BARRA DO GUADIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

menor tonelagem, que costuma demandar este porto sem o auxílio dos pilotos da Corporação local, como sucede com os barcos de pesca.

Várias ocorrências, algumas delas fatais, (recordemos o caso do cêrco espanhol, em que pereceu toda a tripulação no naufrágio), têm sucedido nesta barra, devido a erros de sinalização.

Ultimamente, verificou-se, talvez devido à forte ondulação, o desvio de uma das boias, a do lado esquerdo (vindo do mar), para junto da costa, mesmo sobre os baixios, onde a ondulação é mais forte. Este desvio da boia, e a direcção errada que ela assinala, pode trazer graves consequências, que é mister evitar.

Ainda o mês passado, nova ocorrência pôs de sobreaviso todos os marítimos e armadores, quanto ao estado lastimoso da sinalização.

Devido ao mal que apontamos, esteve em riscos de sossobrar a

traineira «Costa Azul», da praça de Olhão, que foi parar em cima dos baixos, quando ao pretender entrar no porto de Vila Real de Santo António, desviou a sua rota para o lado da boia que sofreu a deslocação. Sómente a pericia do mestre e a boa sorte evitaram um percalço que poderia ter graves consequências.

E' de tal modo perigosa a entrada da barra, em dias de tempestade ou nevoeiro, que muitas traineiras preferem ir acolher-se ao porto de Huelva, que dista algumas milhas, sujeitando-se a pagar impostos de desinfecção, tonelagem, etc., que ascendem a mais de 600 pesetas!

Em virtude dos perigos que oferece, o problema carece de solução urgente, a qual consistiria em repor no devido lugar a boia desloçada e, até, colocando mais duas boias — o que, segundo a opinião de alguns entendidos, seria da maior conveniência. Aguardamos, pois, que as entidades que snperintendem neste assunto o resolvam com a devida brevidade.

A. de Mendonça

EM LISBOA

NOVOS EDIFÍCIOS

NOVAS RENDAS

Na antiga Rua do Carmo, uma das ruas mais comerciais e de maior movimento de Lisboa, vai grande azáfama na renovação artística de vários estabelecimentos e mesmo em construções de grande estilo.

No local, logo ao entrar na rua, dum prédio baixo e inestético que ali se «acotovelava» para garantir o seu lugar, existe agora um moderno prédio de 7 andares, para 27 inquilinos:

No rés do chão ficarão duas lojas, no 1.º e 2.º andar dois inquilinos, nos restantes andares ficarão vinte inquilinos, estando as rendas orçadas em 7.500\$00, quantia que já paga um dos locatários.

Numa das lojas do rés do chão ficará instalada uma casa de discos e instrumentos musicais, pagando a módica renda mensal de 21 contos...

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

De vez em quando...

Uma luz que se acende

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

conquistando assim a «Taça Associação 1957/58».

A constituição da equipa do Lusitano foi a seguinte:

Abraão; Daniel, Antunes e Ismael; Padesca e Parra; Salvador, Marco, Vitoriano, Travaços e Ramires.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

LUSITANO	15 pontos
Silves	15 »
U. Sambrasense	12 »
Desp. S. Brás	10 »
Louletano	7 »
Boa Esperança	5 »

Outros resultados

Sambrasense, 6 — B. Esperança, 3
Silves, 4 — Desp. S. Brás, 1

Ficaram apurados para representar a Associação de Futebol de Faro, no Campeonato Nacional da III Divisão, os seguintes clubes:

LUSITANO, Silves, Unidos Sambrasense e Desportivo de S. Brás.

de ser a expressão suprema do desdém.

Cavar batatas é uma profissão tão honrosa e tão dignificante como qualquer outra que houve e dignifique o homem.

Creio que a escola das Taipas é uma luz que se acende em espessa escuridão.

Que outras se lhe juntem e as trevas sejam batidas pela claridade, que dê a consciência do que são e do que valem aos homens do campo e da serra.

Trindade e Lima

Villarrealenses, amigos do Lusitano, colaborem na Campanha dos 1.000 sócios

FABRICA ELÉCTRICA E MECÂNICA DE CORDOARIA

IMPORTADORES

EXPORTADORES

Quintas & Quintas

Rua Patrão Sérgio, 49 — End. Teleg: «CORDAS» — Telef. 11 — PÓVOA DE VARZIM

Filiais: Fábrica de Cordoaria LEIXÕES — Telef. 382 LEÇA DA PALMEIRA e POÇA DA BARCA — VILA DO CONDE

SECCÃO COMERCIAL

RUA CONDE S. SALVADOR, 106 — Telefones, 221 e 1015 — End. Teleg. — CORDAS — MATOSINHOS

DEPÓSITOS

MATOSINHOS — FIGUEIRA DA FOZ — LISBOA — OLHÃO

Agente Depositário em Portimão: Centro Algarvio do Comércio, Lda.

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

para a manufactura de: Cabos e Fios de Sisal, Linho, Algodão, Cairo, Linhas de Algodão e Linho

CABOS DE AÇO E CABOS DE ALUMÍNIO-AÇO — CABOS DE COBRE ELECTROLITICOS

(CONCLUSÃO DA 2.ª PAGINA)

Falco. No seu vastíssimo repertório incluem-se vários recitais luso-brasileiros, outros exclusivamente dedicados a poetas portugueses (como o recital Fernando Pessoa, por exemplo) e, ainda, as «Histórias do Brasil» com canções, poemas e projecções coloridas. Este último programa é o que trouxe a Portugal os «Jograis de S. Paulo».

A fim de se facultar a quem o deseje, está aberta uma inscrição para ida, no dia desse sarau artístico, de uma excursão em autocarro, com garantia de bilhete para ingresso, nesse espectáculo. Na «Livraria Ibérica», telefone 80, dão-se todos os esclarecimentos.

DESEQUILÍBRIO ENTRE A RÁPIDA EVOLUÇÃO DO CONCEITO "BIBLIOTECA" E A SUA PENETRAÇÃO SOCIAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

meditou bastante—e é curioso este esquecimento através de um século—na ineficácia de ensinar a ler sem que se proporcionasse às gentes—muito especialmente à população rural—livros e leituras adequadas. Porque é costume, quando se fala do analfabetismo, fazer referência apenas ao índice do que não aprenderam a ler. E, na realidade, a par deste analfabetismo integral existe outro analfabetismo parcial, tão fundo e tão grave, ou mais, do que aquele: o dos que não lêem—ainda que tenham aprendido a ler—por necessitar de livros, por se não haver fomentado neles o amor e o hábito da leitura. Assim, enquanto a maioria dos países concentrou o máximo interesse na criação de escolas, relegou-se para plano secundário a obrigação de facilitar a leitura, mediante a criação de bibliotecas e serviços circulares de livros.

Outra causa que pode assinalar-se, é a falta de interesse social pela biblioteca, mais evidente nos países latinos e individualistas, como o nosso. Deve-se reconhecer que a nossa economia é pobre e que o serviço de bibliotecas é caro. Porém, ainda que o seja, a Espanha tê-lo-ia empreendido há bastantes anos, com muito maior amplitude, se tivesse havido um movimento geral de opinião favorável. Eis aqui um dos mais fundamentais motivos por que o problema bibliotecário espanhol—atê há muito pouco tempo—tem sido timidamente encarado e tem sofrido tão notórias limitações. As massas populares, incluindo o espanhol médio, não têm sentido a necessidade e a utilidade da biblioteca.

Têm vivido apegados à ideia de que era um luxo dispensável para eles. E esta necessidade, por conhecida que outras pelas diferentes equipas governamentais que sucessivamente se sucederam durante um século, não teve repercussão nas massas nem estas exerceram qualquer pressão sobre os governantes nesse sentido. O problema, latente, não se apresentou em realidade, na sua verdadeira dimensão nacional, até estes últimos anos. Por isso a obra que temos para realizar é grande e dispendiosa. Esta carência de interesse público—tão frequente no espanhol, individualista por temperamento—vem da antiguidade. Até mesmo durante a passada centúria, tão propícia a outros países à infiltração de certo sentido social em todo o género de instituições, o facto se confirmou.

Como observa o ilustre historiador Altamira, «nota-se também na história política do nosso século XIX a falta do sentir e do conceito do interesse público...». No aspecto bibliotecário, até um homem da estatura intelectual de Jovellanos foca com certa miopia, própria do ambiente da sua época, o conceito «biblioteca», concebida por ele como um instrumento auxiliar para os literatos. Tais eram as palavras de Jovellanos: «Entre os demais auxílios que podem prestar-se ao adiantamento da instrução é de contar o estabelecimento e multiplicação de bibliotecas públicas, que são de tão grande auxílio para que os literatos (que vulgarmente abundam pouco em conveniências) encontrem delas as obras e recursos que não podem possuir...»

Não é estranho, pois, que oicamos falar da necessidade de uma ponte, ou de uma estrada, ou ainda de uma escola, sem que alguém se lembre de comentar a falta de uma biblioteca. Os livros, que apesar da materialidade do seu papel impresso e da sua encadernação, continuam sendo o que de mais espiritual o homem criou, não contém ferro nem cimento e não transparecem na pequenez do seu tamanho, um volume que possa chamar a atenção das gentes. Os mosaicos ou os vigos de cimento armado impressionam mais a massa ingénuo. O livro é pequeno, simples, silencioso. O livro, além disso, resignou-se frequentemente a permanecer em locais inadequados para uma biblioteca.

As vezes, porém, permanece ali. E a gente, quicá por isso mesmo, não sente no momento esse respeito, essa admiração pelos livros que, acaso dentro de uma grande biblioteca—pelo aspecto exterior da sua arquitectura—lograriam exercer sobre a impressionabilidade da maioria.

O facto de que a maior parte das bibliotecas espanholas de províncias não universitárias se instalaram dentro dos institutos de ensino secundário então criados, significou—lamentavelmente, sob

o ponto de vista bibliotecário—estas erróneas suposições: 1.ª que as antigas bibliotecas públicas provinciais—mas ainda se até hoje, como sucede nalgumas capitais, não há logrado tornar independente a sua instalação, em todo ou em parte—pertencem ao instituto como bibliotecas próprias deste centro; e 2.ª que as gentes, pelo facto mesmo de continuar ou de haver estado instalada a biblioteca pública no mesmo edifício do instituto, não a consideram como tendo vida independente, sem se atrever muitas vezes a utilizá-la, e sem sentir, na medida adequada, a sua acção expansiva e aberta a todos e, portanto, a sua necessidade e utilidade social.

Por outro lado, é curioso observar como a nossa riqueza bibliográfica que passa de mosteiros e conventos para as novas bibliotecas do estado, implica um lastro histórico que atrasa em Espanha o avanço social, o sentido e o ritmo renovador que experimentaram, noutros países, as bibliotecas fundadas somente na base de fundos modernos. Pode dizer-se até que tal processo bibliográfico, evitado e condicionado, sem dúvida, por outros países, originou no nosso—em contrapartida—um apego mais arreigado aos velhos moldes bibliotecários durante todo o século XIX e até grande parte do XX...

Esta origem de quase todas as bibliotecas provinciais espanholas contribuiu bastante para reduzir ainda mais o nosso já escasso sentido do interesse público, ao qual se deve noutros países—Inglaterra e Estados Unidos, por exemplo—o extraordinário conteúdo social infiltrado, há mais de um século, na sua política bibliotecária.

Consequência e modelação deste sentido do interesse público é a orientação do regime municipal de muitos países. No nosso, torna-se necessário ensinar aos presidentes das Câmaras, conselheiros e secretários dos centros rurais, as necessidades de tipo cultural e social da colectividade, em cujo respeito devem orientar-se todos os actos do indivíduo, aos quais se devem subordinar os apetites e pequenos interesses ou personalismos locais. Mostrar às

autoridades rurais a utilidade e necessidade da leitura pública e, sem dúvida, um dos objectivos mais urgentes da actual política bibliotecária espanhola.

Esta ignorância por parte das massas e, consequentemente, por parte das autoridades rurais e esta falta de interesse público perante as bibliotecas—extensiva a outros sectores mais elevados da administração—fez com que o apoio do Estado e das deputações e municípios para a criação e sustento de bibliotecas fosse muito escasso.

E' certo que nos próprios Estados Unidos—o país mais avançado mundialmente neste sector da cultura popular—existem certas dificuldades económicas, as quais, no entanto, são superadas por um patente sentido social do interesse público. A fé dos cidadãos norte-americanos nos múltiplos benefícios do livro, como instrumento de educação, faz com que numerosos particulares legem nos seus testamentos, a diversas bibliotecas, as colecções dos seus livros, donativos em dinheiro, edifícios, etc. No nosso País, as bibliotecas não obtiveram, muitas vezes, o apoio necessário por parte dos organismos da administração local, nem sequer de particulares, sob pretexto de não propriedade do Estado. Num rigoroso sentido legalista isto pode ser certo, porém não se pode esquecer que já o Decreto de 1869 reconhecia que o serviço de bibliotecas é tipicamente local ou, mais amplamente, provincial, como se reconhece em quase todas legislações estrangeiras.

A recente criação em Espanha dos Centros Provinciais Coordenadores assim o demonstra, uma vez que serve de base inicial para ir levando ao conhecimento das províncias e os municípios, a necessidade do seu apoio moral e económico, quanto à criação e manutenção de bibliotecas.

A seguir, concluindo: «A necessidade de equação entre o que é hoje a biblioteca e o seu conceito social».

Tradução de José dos Santos Marques

Um Itinerário Turístico... Reduzido

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

ta-se uma magnífica paisagem do litoral.

Mesa e alojamento — Hotel Aliança e restaurante Sota.

Monumentos: Sé (vestígios góticos) claustro «renascença» do Convento da Assunção, ruínas de Milreu (Ossobona, a 9 kms.) e Arco da Vila (seculo XVIII).

Museu: arqueologia pré-histórica e pintura.

Especialidades: figos secos e figos com amêndoa.

OLHÃO — A remota freguesia de Quelfes cedeu boa parte da sua superfície, em 1695, à actual vila de Olhão, terra de bravos marceiros e mercadores. Chamam-lhe a vila do cubismo e das açoteias, devido à quantidade destas e à forma do seu casario, imaculadamente branco. Importante a indústria de pesca e conservas. Muito pitoresca a paisagem da ria. O movimento do porto de

pesca é deveras curioso. O maior panorama avista-se do alto do Monte Figo.

Especialidades: nógados e bolos de folha.

Traje regional: bioco.

TAVIRA — Nas margens do rio Gilão e de uma paisagística ria, Tavira é uma cidade clara, muito característica. Conquistada aos mouros em 1242, por D. Paio Pires Correia, é cidade desde 1520.

Junto do grande canal por onde o rio desagua na ria, encontra-se a zona urbana mais pitoresca e mais central.

A sua economia está intimamente ligada à pesca do atum, de que existem várias armazéns.

Monumentos: Castelo Medieval, Igreja de St.ª Maria do Castelo (portal gótico) e Igreja da Misericórdia (portal «renascença»).

Especialidade: doce de caramelo. Não negamos os encantos deste

ANO NOVO

MEIA-NOITE do dia 31 de Dezembro. Mais um ano que finda, e outro que chega com o seu cortejo de alegrias e esperanças. Para trás, perdidas na poeira do tempo, ficaram recordações alegres e tristes. Quebraram-se ilusões e esfumaram-se muitos sonhos. Há recordações amargas de desejos irrealizados e sorrisos orgulhosos dos triunfadores. Lado a lado, riqueza e miséria, risos e pranto, podridão e candura. Lado a lado, neste desfilar de recordações do ano que findou, as duas faces do Mundo, uma que ri, outra que chora.

Mas, como tudo na vida, este ano acabou. E nesta hora em que se festeja a chegada do Ano Novo, os homens esquecem tudo o que passou. Tudo ficou para trás, pertencendo definitivamente ao passado e só nós somos presente. Superiores ao desmoronar de todos os sonhos, à queda de todos os ideais, à miséria e à riqueza, superiores a todos os cinismos dos homens nossos irmãos, ao amor, à dor, à vitória e à derrota, continuaremos a trilhar o caminho que o Destino nos traçou.

Começou um Novo Ano. Nos olhos de cada um há verdadeira alegria e da boca parece quererem brotar palavras de amor e bondade. Olhemos a vida de frente com um sorriso franco e confiante, e sonhemos. Talvez os nossos sonhos sejam os mesmos de outrora, mas para nós eles são

sempre novos. Há esperanças, ilusões, desejos, ambições que a ninguém confiamos. Há em nós uma força nova que nos faz olhar a vida sem medo. Talvez as nossas ilusões se voltem a desfazer. Talvez os sonhos continuem a ser apenas sonhos. Mas, nesta madrugada do ano que nasce, tudo nos parece belo e fácil.

Não recordemos o que passou.

Para quê? Recordar é viver e nós não queremos viver o passado. E' o futuro, o dia de amanhã, que nós queremos olhar. Confiantes na nossa própria força preparamo-nos para construir um Mundo melhor, um Mundo nosso, cujas bases assentem na amizade de todos os povos.

E' a juventude, são todos aqueles que agora começam a sonhar, aqueles que a Vida ainda não tornou pessimistas e que têm um ideal, que têm de construir o Mundo.

Sonhemos, mas sonhemos de olhos bem abertos e lutemos para que os nossos sonhos se tornem realidade. E amanhã, quando este ano acabar, esqueçamos o desmoronar do castelo de cartas que construímos e levantemo-lo outra vez.

Um Novo Ano deve ser para todos o renascer de uma esperança numa vida melhor e o desejo de triunfar na dura luta que o destino nos impõe.

Vitor Ruivo

CARTA DE LISBOA

O Teatro do Povo desceu á Cidade

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Ribeirinho dirige presentemente no Trindade e cujos processos de encenação e méritos de interpretação não recelam confronto—no dizer da crítica mais insuspeita—com o que de melhor se faz no estrangeiro, é o mesmo «Teatro do Povo» que António Ferro fundou e que foi, através de todas as naturais vicissitudes, o pioneiro da campanha de educação de adultos. Teatro itinerante, mal-posto do sonho e da poesia, e-ilo que largava de Lisboa sempre que o estio chegava, indo de lon-

gada até aos quietos burgos e vilórias do alto Douro ou do Alentejo, das Beiras ou do Algarve, despertando-as da sua modorra provinciana, pousando nas eiras enluaradas, nos adros das Igrejas, nas tábuas carunchosas das Sociedades de Recreio a sua bagagem maravilhosa—maravilhosa mesmo quando só tinha o brilho pobre das lantejoulas, maravilhosa sempre, só por ser Teatro...

Agora, o antigo «Teatro do Povo» desce á cidade, conquista, de um dia para o outro, direitos de cidade, apresenta-se, de maneira impecável, em um dos palcos de mais responsabilidade de Lisboa, mercê do auxílio do «Fundo do Teatro». Com excepção de Eunice, não há, no elenco, nomes famosos, nomes de «vedetas» não obstante, o elenco é perfeito, o conjunto é admirável. Indaga-se, com surpresa, porquê. E a resposta é bem simples. Ribeirinho trouxe, para os ensaios do repertório do «Teatro Nacional Popular», além a sua excepcional vocação de encenador, a recordação viva de muitas noites do «Teatro do Povo», noites que não foram de

As mais lindas Rosas de Portugal
As mais famosas árvores de fruto



Árvores florestais—Construção de Jardins e Parques
Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis
Moreira da Silva & F.ª L.ª
Rua D. Manuel II, 55—PORTO

Actividades Governativas

Balanco do Ano

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

que respeita ao fabrico do ferro e do aço o impulso vai ser vigoroso, de modo que em 1960 possamos já trabalhar com o nosso ferro.

Noutros sectores da administração pública há que assinalar no ano findo várias reformas do ensino, efectuadas pelo Ministério da Educação Nacional, salientando-se a reforma do ensino nas Escolas de Belas Artes.

O Ministério das Corporações e Previdência Social, sob a gerência do dinâmico Ministro dr. Veiga de Macedo, desenvolveu um prodigioso esforço pela organização e funcionamento das Corporações, o que deve verificar-se dentro em pouco.

Pelo Ministério das Obras Públicas merece menção especial a construção das escolas primárias, que ultrapassam em 1957 mais duma centena.

Não se pode falar de re-

glória, que não tiveram o brilho de estrelas elegantes, mas que firmaram o seu diálogo com o público, que lhe deram a noção—colhida no enlevo ingénuo da boa gente provinciana—do carácter quase sagrado de que se reveste a missão do Teatro. Os componentes desta Companhia sabem e sentem que o Teatro não é um negócio, mas um acto de serviço, sobrenaturalmente ordenado e que, como tal, exige doação de nós próprios, força de vontade, desejo de bem cumprir, ansia de perfeição, partilha justa do mesmo quinhão de Beleza por todos quantos a ele têm direito:—o Autor, o Actor e o Público.

Esta é a lição que o «Teatro Nacional Popular» trouxe a Lisboa e que, para já, a par de outros empreendimentos teatrais em curso ou em projecto, faz afastar os agouros de crise irremediável para o Teatro em Portugal. Assim se mantenha se estimule e se reproduza tão louvável, tão necessário exemplo de Bom Gosto e Bom Senso.

António Maria Zorro

RENDER DE ESPERANÇAS

A que chamas «Acaso»? A que chamas «Destino»? Dormia em teu sonhar, ansioso que viesse, como um infante a quem nem faltassem as preces, calmo, quase feliz como qualquer menino...

Eu sabia que tu tinhas de vir...

E as messes

que a Vida destinava a quem ia sem tino, tinham de compensar todo o meu destino!

—Havia de encontrar-te, embora o não quisesse...

Destino? Acaso? Não o sei... Quem pode, agora, medir, na espera, a dor de quem se revigora na poeira de ouro fino, onde o sol tudo queima?!

Fiquei, contigo ausente, á sombra do teu ser... Dentro do Tempo exacto, havias de aparecer...

—Tenho-a presente, Esperança! E agora?

—Teimal Teimal

A. VICENTE CAMPINAS

Visado pela Comissão de Censura

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.